



Inquérito Metade dos alunos com problemas de insucesso admite não estar à vontade com o ensino à distância. 29% não têm computador

Aulas à distância geram desconforto

Texto **ISABEL LEIRIA**
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**

Ao longo dos últimos três meses, várias vezes se disse que o ensino à distância — via Zoom, e-mail ou WhatsApp — foi a forma possível de garantir que o ensino continuava num cenário de escolas fechadas. Mas possível não é sinónimo de eficaz. Num inquérito realizado junto de alunos que têm problemas de insucesso, metade disse estar “pouco” ou “muito pouco confortável” com a nova forma de aprender que acompanhou todo o 3º período. Uma percentagem ainda maior (56%) respondeu não estar à vontade nas avaliações feitas *online*.

Os resultados constam de um inquérito respondido por 2073 alunos do básico e lançado pela plataforma Empresários pela Inclusão Social (EPIS), criada para ajudar a combater o insucesso escolar.

Com 182 mediadores a trabalhar em quase 300 escolas de quatro dezenas de concelhos no continente e também em ilhas dos Açores, o objetivo foi perceber as condições em que estes estudantes, já por si mais vulneráveis, iriam passar a aprender à distância e que contacto podia ser mantido pelos técnicos que os acompanham, explica o diretor-geral da EPIS, Diogo Simões Pereira.

Em primeiro lugar, era preciso saber quem tinha ou não computador, sabendo também que muitas famílias estavam a perder os empregos ou a ser colocadas em *lay-off* e a perder rendimentos, que, já sendo baixos, dificultavam ou impediam a compra

de equipamento informático. Da campanha lançada pela EPIS junto das empresas parceiras e outros doadores individuais conseguiu-se arranjar já mais de 300 computadores para alunos do 2º ciclo ao secundário.

Do inquérito realizado verificou-se que no 3º período 29% não tinham qualquer computador e que 27% tinham de o partilhar com os pais em trabalho remoto e/ou com os irmãos em idade escolar. Ou seja, menos de metade dos alunos possuía um computador só para si, que lhes permitisse assistir às aulas *online* ou fazer trabalhos e pesquisas.

“O grande problema neste modelo de ensino à distância é a exclusão social através da exclusão digital. Além dos que não têm computador, há também quem não esteja habituado a trabalhar com estes recursos”, alerta Diogo Simões Pereira.

Outra das dificuldades encontradas pelos mediadores da EPIS manifestou-se também na resistência de muitas famílias em manter uma relação com os técnicos e até com os professores. “20% a 30% dos agregados nas nossas bases de dados responderam que não queriam ser contactados. Entendiam que, se a escola fecha portas, então tudo para. E este trabalho de mudar as mentalidades é muito difícil.”

As dificuldades em manter a ligação durante os estados de emergência e calamidade traduziram-se depois na redução de alunos a serem acompanhados pelos mediadores, que trabalhavam com os jovens métodos de estudo e o desenvolvimento de atitudes e competências.

Do total de 5500 estudantes do ensino básico que tinham este apoio, 42% acabaram por perdê-lo. “O problema é que, se calhar, entre os que

ficaram de fora encontram-se os que necessitavam mais de apoio”, admite Diogo Simões Pereira.

Quanto ao contacto com a escola, os dados da EPIS revelam que a grande maioria passou pelo e-mail, seguido de plataformas como o Zoom ou o WhatsApp ou das plataformas das próprias escolas. As mensagens de voz e sms foram também uma via importante para um terço dos alunos. E houve ainda estudantes cuja interação com a escola e os professores passou pela recolha e entrega de fichas em papel, com muita pouca interatividade. Houve 6% de inquiridos a reportarem este meio de contacto.

Perante todas as dificuldades e particularidades, Diogo Simões Pereira acredita que, no que respeita à avaliação, este ano haverá alguma “generosidade” e compreensão dos professores em relação a estes alunos. E que o futuro dependerá muito do que se conseguir recuperar a partir de setembro e de ser ou não possível regressar ao ensino presencial, o que depende da evolução da pandemia.

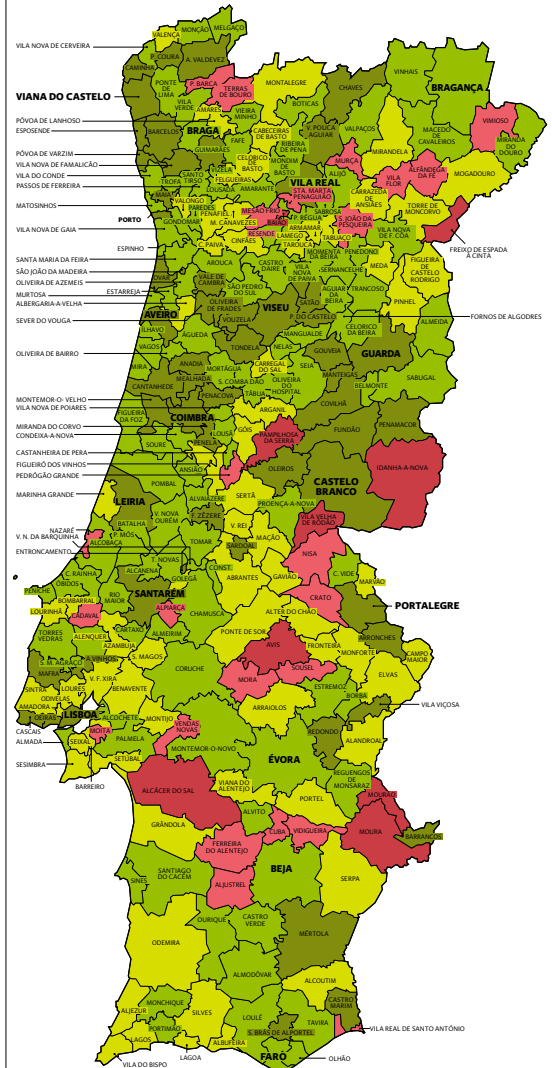
“Num modelo de ensino à distância, os alunos mais atrasados terão tendência para se atrasar ainda mais. Se são jovens já difíceis de motivar, muito mais será através do computador. Há toda uma gestão da turma e de utilização de linguagem não verbal que é muito complicada de fazer pelo Zoom. Tudo se verá e tudo se jogará no próximo ano letivo.”

Dito isto, o diretor-geral da EPIS faz questão de elogiar o muito que foi feito pelos professores, que se multiplicaram em plataformas e canais de comunicação para tentar chegar aos seus alunos. “O país já reconheceu o esforço feito pelo pessoal de saúde, mas não reconheceu ainda o trabalho dos professores.”

MÉDIAS DOS EXAMES DO 9º ANO POR CONCELHO

Primeira fase dos exames de 2019

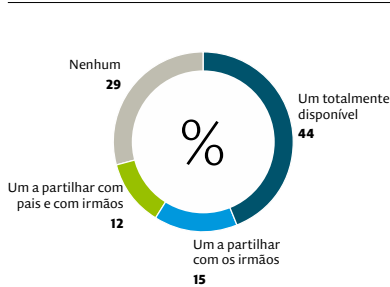
● ATÉ 44,99% ● 45% – 49,99% ● 50% – 54,99% ● 55% – 59,99% ● MAIS DE 60%



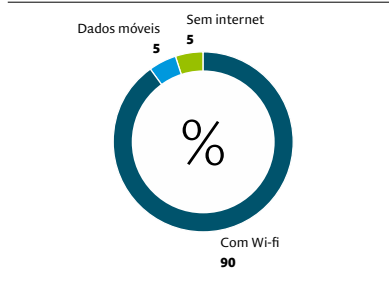
FONTE: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Inquérito a alunos

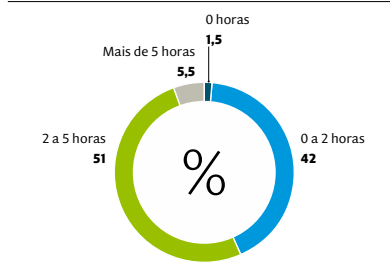
EXISTE COMPUTADOR EM CASA DO ALUNO



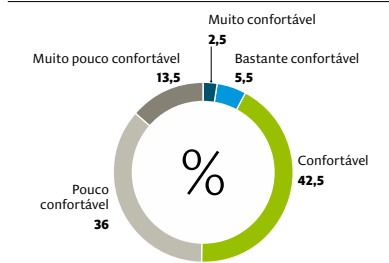
DISPONIBILIDADE DE INTERNET



MÉDIA DE HORAS DE AULAS POR DIA



CONFORTO COM O ENSINO À DISTÂNCIA



FONTE: EMPRESÁRIOS PELA INCLUSÃO SOCIAL

Há mais concelhos com média positiva no 9º

Em 86% dos municípios os alunos de 9º ano tiveram média positiva a Matemática e a Português. Escolas de música voltam a brilhar

O número de concelhos com média positiva nos exames do 9º ano aumentou em 2018/19. Em 265 dos 308 municípios (86% do total), os estudantes conseguiram médias acima de 50%. E isso faz com que mais 29 concelhos apareçam pintados a verde aumentando a mancha no mapa. Arruda dos Vinhos é o único caso com uma média acima de 70%, mas o concelho tem uma só escola com contrato de associação. Arronches (Portalegre) e Sever do Vouga (Aveiro) ficam também acima de 65%, assim

como Coimbra, que tem mais escolas. Apesar de serem menos do que no ano anterior, há 43 concelhos a vermelho no mapa. O Alentejo, sobretudo nos distritos de Portalegre e Beja, é a região com piores resultados, mas também há notas muito baixas em Bragança, Castelo Branco e Açores. Abaixo de 40% está Avis (Portalegre), Vila Velha de Ródão (Castelo Branco) e Ribeira Grande (Açores), mas só o município açoriano fez mais de 50 provas de exame, entre Português e Matemática.

Tal como nos anos anteriores, as escolas do ensino artístico (além do currículo regular têm formação musical ou dança) brilham neste *ranking*, com oito a colocarem-se entre as 60 melhores escolas. Os dois primeiros lugares entre as públicas pertencem a dois conservatórios (Lisboa e Braga). R.A.

Escola pública com média mais alta

Escola Artística de Música do Conservatório Nacional (Lisboa), 79,73%

Escola privada com média mais alta

Externato Escravas Sagrado Coração de Jesus (Porto), 86,39%